



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

REFLEXÕES FORA DA NORMA: DIREITO DE OLHAR COMO DIREITO DE EXISTIR – CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CORPORAL

Cláudia Eliane Rocha da Silva
Sandra Mara Dall'Igna Volpi

RESUMO

Este trabalho surge da reflexão em torno do mal-estar provocado pelos discursos que ameaçam os direitos de existir da pessoa LGBTQIA+ no contexto da política brasileira dos últimos anos. A noção de natureza sexual humana, desde um ponto binário e heteronormativo, estigmatiza a expressão sexual e imprime nas pessoas o medo de viver a própria sexualidade. Pretendo exercitar olhar para a moral que permeia as condições que constituem a falta de respeito e aceitação do outro. Destacarei contribuições da epistemologia reichiana, da filosofia da diferença e das teorias queer a fim de colorir o imaginário em torno deste tema.

Palavras-chave: Contrassexualidade. Heteronormatividade. Psicologia. Corporal. Sexualidade.

Este artigo não se pretende perfeitamente metodológico e científico em sua performance. As ideias reunidas aqui expressam, além do interesse em pesquisar um tema tão relevante à saúde mental, as marcas históricas de negação dos meus direitos de existir e de ser feliz. Assim, minha porção biológica participa integralmente desta pesquisa, com todas as dinâmicas emocionais e racionais atuantes sob a linguagem que utilizo e a natureza das explicações que ensaio aqui. Este discurso encontra-se totalmente desprendido da intenção de convencer ou comprovar algo por um viés de verdade, e sem dúvida incorrerá na mescla de domínios do saber, com a sobreposição de referências teóricas onde não há necessariamente acordo, e onde o consenso não está implícito.

Cada pessoa só aceita a preocupação com outros diferentes se estes estiverem em seu espaço de domínio de ação e dinâmica emocional de aceitação mútua. Uma argumentação sobre o respeito, a ética, os direitos humanos não convence a ninguém que já não esteja convencido. Porque não é a razão que justifica a preocupação pelo outro, e sim a emoção. As relações humanas perdem o caráter de fenômeno social quando a emoção fundadora da aceitação do outro está ausente. O amor é a emoção que funda o social (MATURANA, 2001).

O imaginário que nega o direito à vivência autônoma da sexualidade se assenta em uma base de medo multifacetado. A identidade humana é extremamente flexível, estruturada como um átomo cujo núcleo é cercado de elétrons virtuais numa órbita mutável. Parece que um estranho poderia nos invadir com incrível plasticidade. O fanático parece depender da existência da identidade de seu inimigo para manter a própria identidade, o que gera um



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

paradoxo, já que seu inimigo deve ter o mesmo tipo de relação amedrontada (ZIZEK, 2012). A espécie humana moderna desenvolveu extremo pânico moral frente ao diferente, como se pudesse perder sua própria identidade face ao outro. Dá impressão que o senso comum, hiper-reactivo à noção de diversidade sexual, empiricamente sabe e teme a influência mútua que exercemos o tempo todo por meio de interações dinâmicas nas relações. Tal influência se dá não apenas por meio dos discursos da linguagem, mas por meio dos modos e costumes, afetos, sentimentos, ressonância, etc.

É comum que a pessoa heterossexual enfrente bastante dificuldade de escutar e ter empatia ao sofrimento das pessoas LGBTQIA+. Muitas se sentem ameaçadas, como se estivessem sendo pressionadas a rever sua própria sexualidade. Como se a afirmação da diversidade implicasse ameaçar a heterossexualidade. Será que defender os direitos dos homossexuais requer “enviadar” um pouco? É importante ressaltar que não apenas o ser negado em sua existência sofre, mas também o ser que discrimina outras pessoas por sua orientação sexual pode estar vivendo profundo sofrimento. A pessoa que se sente ameaçada pela existência do diferente está apartada dos laços sociais, em profunda negação do amor, vivendo uma realidade de prováveis conflitos sexuais, sofrimento psíquico e existencial. Do contrário, como o modo de amar e gozar do outro poderia configurar ameaça a outrem?

O medo de ser invadido pelo outro é uma característica decorrente do encouraçamento da região do segmento ocular. Este nível corporal reichiano refere-se à região dos olhos, envolve também os ouvidos e, secundariamente, o nariz (REICH, 1998). Este estado energético relaciona-se a um traço de caráter marcado por uma latente posição psicótica, cuja principal característica é a falta de um eu completamente desenvolvido. A funcionalidade ocular está comprometida, sem a devida consciência do corpo (biológico) e do si mesmo (existencial), ambas prejudicadas por vivências frustrantes na fase inicial do desenvolvimento infantil. Este bloqueio pode se instalar no período fetal ou nos primeiros dez dias de vida por carência de contato, de comunicação, de calor, de amamentação, de maternagem: por uma rejeição que a criança percebe energeticamente. Nesta condição a pessoa pode apresentar um quadro de distorção da percepção, numa típica expressão de transe ou deslumbramento (NAVARRO, 1995).

A sociedade contemporânea, filha de inúmeras gestações indesejadas, cesáreas forçadas, recorrência de violência obstétrica, arranjos familiares desestruturados, problemas socioeconômicos, violência contra a mulher, abandono parental, abusos físicos, sexuais e psicológicos, etc., é extremamente desfuncional no que tange a ocularidade. Observa-se cada



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

vez mais o bloqueio de percepções e as compensações para um eu frágil. Somam-se a este quadro as dificuldades morais e traumas que restringem as possibilidades de descobrir a sexualidade e vivenciar o próprio prazer sem culpa.

Ao longo da história brasileira, a proposta catequizadora da Igreja constituiu forte influência no imaginário coletivo desde a colonização europeia. Tais marcas impregnam posturas patologizantes das sexualidades não heterocentradas, colocam o casamento monogâmico, em união heterossexual, como único modo digno de se relacionar (perante Deus, perante a sociedade). A colonização das terras foi também a colonização de outras esferas da vida, dos modos, crenças e costumes (SOUZA, 2017). Explicitar que os vínculos familiares não são sempre os mesmos na história humana dá a devida relevância aos fatores históricos e socioeconômicos como influenciadores na cultura. Reich e Alzon (1972) explicitaram como a família não é um fenômeno natural, mas uma instituição social onde a ideologia da monogamia vitalícia encontra-se em oposição ao processo de desenvolvimento psíquico e somático, não sendo aplicável na prática senão repressivamente.

A identidade do povo brasileiro se constituiu muito mais à imagem e semelhança de seus colonizadores do que de seus povos originários. A cosmogonia indígena não sobreviveu ao ponto de influenciar os modos de existência. O território foi invadido, a terra foi violada. A terra representa o corpo. O brasileiro é essa mescla de povos indígenas, negros e brancos europeus, somado a uma variedade de nacionalidades que encontraram acolhimento no maior país da América Latina. Apesar desta mistura toda, que se traduz em um povo de um colorismo variado, de manifestações artístico-culturais diversas, a cultura brasileira, as Ciências, a Pedagogia, o erotismo, etc., estão permeados pelo que a psicóloga social Geni Núñez define como “monocultura do pensamento”. É o conjunto de pensamentos e práticas baseado na ideologia judaico-cristã. Em sua tese, Núñez (2021) defende que vivemos, majoritariamente, modos de vida “embranquecidos” pela herança europeia: um único modo de plantar (monocultura), um único modo de se relacionar (família nuclear e casamento), um único modo de pensar (binário e cartesiano), uma única forma de amar (heteronormativa), etc. Portanto, tal legado impactou e determinou diversas esferas do viver, e se consolida especialmente através do controle da sexualidade.

Nos últimos anos, testemunhamos no Brasil a explícita aversão à vida manifesta pelos discursos conservadores que flertam com o fascismo. Exemplo disso está no enunciado “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, onde se identifica o nacionalismo e o fundamentalismo característicos do fanatismo religioso. Sob a lógica da negação de tudo que é alteridade,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

diferença, multiplicidade, encontramos discurso de ódio e violência civil e estatal contra a população pobre e as minorias. Nestes últimos anos da política brasileira ficou cada vez mais pungente o sentimento de pessoas LGBTQIA+ não importarem e serem indesejadas no tecido social.

A defesa de tais modelos, quando se trata de sexualidade, cega e promove violências físicas e simbólicas contra quem vive fora da heteronorma. Há um confronto de forças visuais, discursivas e de poder; movimentos para que o outro não possa existir e se expressar em sua diferença. O medo subjaz a heterossexualidade compulsória. Desde a infância compreendemos que sair da norma significa ser excluída, ter negado seu direito de existir, ser respeitada ou mesmo sofrer de violência que ameaça a existência (BUTLER, 2003). Reich (1998) observou que o medo e a culpa são as bases da moralidade e tiram a naturalidade da sexualidade, preparando assim um terreno emocional de perturbações biológicas e sociais. Observando os modos de existir e fazer, acessamos o fazer em seu caráter de expressão de tais valores e crenças. Estes são colocados na carne, no *modus*, na práxis.

Couraça muscular é a rigidez corporal associada à neurose congelada na realidade somática, que é libido em estase, estagnada na musculatura (REICH, 1998). Para Deleuze e Guatarri (2007), estas amarras nos mantêm reféns em estruturas invisíveis que moldam os corpos e seus fluxos. Somos encouraçadas de moral e bons costumes. Estes, cultuados como verdades perenes, dão a falsa impressão de que nossos interesses estão sendo protegidos e garantidos. E por esses caminhos é que se chega a desejar a própria sujeição como se da liberdade se tratasse. O assujeitamento que separa da capacidade de agir e pensar livremente e que reduz a potência de vida, retira a capacidade de afirmação, de entrega ao fluxo livre de existir, se relacionar, e de se alegrar por meio do seu modo de ser (FUGANTI, 2016).

A compreensão reichiana do ser humano como unidade biopsíquica é a de que existe um movimento autônomo de contração e expansão que mantém o ser vivo. Este movimento, chamado de reflexo orgástico, no micro do organismo humano mantém as vísceras e esfíncteres internos funcionais. A neurose congelada no corpo é a imagem da estagnação energética da libido. E a causa da neurose são os modos sociais, os modelos, referenciais que pressionam constantemente para que atuemos e ajustemos nossos papéis conforme a pressão exercida pelos sistemas e regimes que influenciam nas dinâmicas sociais. A repressão sexual tem relação com o contexto socioeconômico. Não é uma característica fundadora do humano, sendo antibiológica (REICH, 1998).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

O senso comum é punitivista, deslegitima corpos fora da norma. Às sexualidades consideradas divergentes, ou ainda, dissidentes, é negado primeiramente o afeto e o amor familiar, e esta ameaça faz manutenção das minorias (SÁEZ; CARRASCOSA, 2017). Estas resistem apesar dos modelos hegemônicos defendidos pela elite, que se tornaram referenciais de relações bem-sucedidas, mais saudáveis, normais e dignas. Vivemos um *ethos* social do assujeitamento da sociedade por meio de uma estrutura que se protege por meio da lógica: ameaças e recompensas, obediência e transgressão (FUGANTI, 2016). A fórmula do castigo e recompensa cristãos parece ter emprestado aos homens uma subjetividade permeada por masoquismo e sadismo, com um estranho compromisso em sofrer e infringir sofrimento aos outros.

Como afirmou Espinosa (2008), por meio do medo dos castigos e da esperança das recompensas que se fomentam as paixões tristes. Assim como Reich (1998), o filósofo abordava o medo irracional que leva à obediência como ameaça à potência de vida do ser humano. Em suas diferentes flechas do tempo e áreas de saber, ambos autores abordaram como a busca humana pela felicidade pode se tornar mera servidão e fazer com que os homens irracionalmente decidam ir contra os seus próprios interesses. Suas obras possuem ressonância na relação direta que apontam entre o medo que leva à obediência cega e à perda do contato de si, ou seja, ao encouraçamento para Reich, e ao poder de afetar e de ser afetado para Espinosa (2008). Tal medo não se trata da apreensão face a perigos reais, mas ao medo engendrado pela educação que incute uma série de perigos imaginários e supersticiosos a fim de exercer controle sob os modos de viver.

Algumas premissas médicas, psicanalíticas e psicológicas carregam a influência da ideologia cristã datada do século passado na Europa, e já não encontram consonância na realidade contemporânea. Verificamos estas marcas no senso comum e na práxis terapêutica que referencia modelos ultrapassados quando se refere ao desenvolvimento sexual. No contexto de terapeuta em formação na Psicologia Corporal, a reflexão que mobilizo é um exercício de fazer “o giro dos olhos” acerca da visão que temos sobre as sexualidades. É um convite a observar crenças e valores judaico-cristãos implícitos nas teorias que defendem conceitos de maturidade por um viés heterocentrado, binário e essencialista.

A sexualidade é elemento central na vida do ser humano. O conceito de potência orgástica reichiano é elemento-chave da equação econômica da atividade sexual, a qual diz respeito à dimensão quantitativa da neurose. Potência aqui não faz alusão à capacidade erética, mas à capacidade de entrega amorosa no ato sexual, ou da entrega ao amor e ao



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

prazer na vida (REICH, 1998). Potência é diferente de poder. Quem busca o poder, é um impotente.

O pensamento funcional reichiano se destaca em complexidade, por uma posição que considera diferentes perspectivas como passíveis de coexistência: biológico, somático, psíquico, histórico, cultural, socioeconômico, etc. Ao defender a origem biológica da energia libidinal e a realidade somática da neurose, retomou a porção animal do ser humano. O corpo é confluência de forças. O que é vivido importa tanto quanto o como é vivido, e mais, em que contexto as experiências gratificantes ou frustrantes ocorrem, e com qual frequência e intensidade se repetem. Deste modo, não há como tratar o psíquico separado do corpóreo. Não há como reduzir o sofrimento psíquico sem baixar a cabeça e dar alguma atenção ao corpo. Nem há como apartar a realidade individual do campo social e cultural em que está imerso, em relação dinâmica com os outros e o meio.

Os estudos reichianos questionaram a universalidade dos conceitos freudianos como o complexo de Édipo e a pulsão de morte. Ambos implicavam considerar que havia algo na natureza humana, ou no momento fundador de sua história, que permitia desconsiderar todos os fatores histórico-sociais implicados às causas do sofrimento psíquico (REICH, 1998). Para Deleuze e Guatarri (2007), levando em conta as pesquisas mais contemporâneas, a libido, enquanto fundamento da vida, não poderia estar encerrada em uma forma privada como a estrutura do familismo clássico apresentado pelo dogma psicanalítico na tese freudiana.

Sexualidade se torna um dispositivo de controle em um sistema sexo gênero. Nenhuma subjetividade nasce cis-gênero e heterossexual. A questão colocada por Butler (2003) é: como problematizar a institucionalização das identidades e desconstruir o gênero de maneira a permitir a emergência de novas formas de subjetivação e de experimentação da sexualidade, de uma “vida vivível”? O discurso do gênero, como performance atrelada ao determinismo biológico, nega tanto o processo de aculturação que transpassa a identidade do ser humano, quanto a noção de que gênero envolve relações de poder. Esta visão prioriza a função sexual como mera reprodução da espécie e nega totalmente a multiplicidade das diferenças do ser humano (raça / etnia, classe, caráter, subjetividade, história pessoal, etc.).

A anamnese sugere observar a história de uma pessoa levando em conta sua flecha do tempo, com a compreensão de que há camadas que compõem e sobrepõem seu modo de existir, de ser e agir no mundo. Em relação às teorias, também é importante levarmos em conta quem as pensou, e em que contexto, sob quais condições histórico-sociais, etc. Na história humana majoritariamente homens (brancos, cristãos, heterossexuais) tiveram o privilégio de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

protagonizar a produção de conhecimento científico. Tais conhecimentos representam tais pensadores em sua forma e conteúdo, e são a expressão de um tempo passado. No contexto da produção científica psicanalítica e psicológica, alguns teóricos defenderam a heterossexualidade como uma questão biológica fundadora do humano. Foram criadas teorias e tipologias heterocentradas.

Com muitas dificuldades para lidar com a moralidade da sua época, Freud apresentou suas ideias acerca da libido, o desenvolvimento sexual infantil e seus desdobramentos. Introduziu a noção de que havia um corpo psíquico erógeno, levando à abstração das ideias para explicar como se dava a configuração da neurose. Curiosamente, na teoria da libido e das zonas erógenas, apenas a vagina e o pênis são considerados genitais. Segundo a Medicina, somente os órgãos envolvidos na reprodução são sexuais. Para a igreja também, o uso erótico de outras partes do corpo, se trata de perversão. Quem determinou quais partes do corpo podem ou não ser genitais?

A teoria da libido incluiu as zonas oral e anal, mas somente o pênis e vagina foram considerados espaços privilegiados organizadores do desenvolvimento maduro na chamada fase genital. Nesta, a criança volta sua energia sexual para os órgãos genitais, está pronta para ir em direção às relações amorosas e agir de acordo com seu instinto de procriar. Tais conclusões demonstram a influência do legado cristão do sexo com fins reprodutivos nas ideias freudianas. A fixação da libido em uma das fases seria causa da incapacidade de se relacionar na vida adulta. Em outras palavras, as zonas erógenas oral e anal participam como fases relevantes, porém são zonas de passagem que devem ser superadas.

Apesar de intentar superar dicotomias, a Psicanálise freudiana trouxe a explicação edípica da psiquê reunindo tanto mulheres como homens em uma única lógica binária: inveja do pênis ou medo de perdê-lo. Seu ponto de vista observou a questão desde um viés do medo e da angústia, da ameaça da perda, por meio da noção de falta ou escassez. No imaginário social, legado da Psicanálise freudiana, o direito de ter caráter é um direito de quem penetra corretamente uma vagina. Percebe-se neste ponto a aversão a passividade, que em geral é atrelada ao feminino, a mulher, o ser penetrável. (SÁEZ; CARRASCOSA, 2017).

Na visão patologizante legada de tais ideias psicanalíticas os sujeitos com orientação homossexual possuem desenvolvimento psicológico imaturo, observado, por exemplo, nas características de passividade fruto de conflitos edípicos. Para Sáez e Carrascosa (2017) a sexualidade não heterocentrada se tornou um conflito ao essencialismo romântico em torno da união homem-mulher, e uma fixação sob a qual postular uma série de aberrações do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

pensamento ocidental cujo pânico moral é a perda da masculinidade. Após a Psicanálise freudiana, o homossexualismo se tornou mais uma personalidade do que um tipo de prática sexual.

Deleuze e Guatarri (2007) afirmaram que a demanda social de se organizar em torno da reprodução da espécie parece ter levado a considerar sempre que o ato sexual “mais adequado” se daria com a união pênis-vagina. Mas quando se observa os fatos, constata-se que homens e mulheres têm ânus, um centro produtor de excitação e de prazer que não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos.

A heterossexualidade se apresenta como um modelo, compulsório, do qual prescindir torna o sujeito passível de julgamento de seu desenvolvimento saudável e maduro. A partir deste ideal, ocorreu nas ciências médicas e psicanalíticas a “psiquiatrização” dos chamados pervertidos, desviantes sexuais, imaturos, etc. Alguns conceitos parecem estar determinados a defender acima de tudo uma concepção de masculinidade intocável, onde nuances de passividade e feminilidade se tornam distúrbio indesejável. Um argumento conservador no senso comum é o de que práticas sexuais diferentes das heterossexuais são “antinaturais”. Direitos são negados a pessoas que não fazem o uso do pênis e da vagina corretamente, ou seja, da maneira mais adequada conforme a natureza manda. Que natureza é essa?

Volpi (2022) assinala que na contemporaneidade as composições familiares extrapolam a compreensão do caráter como resultado das interações entre funções maternas e paternas em um núcleo familiar. As crianças estão expostas a uma maior diversidade de experiências do que as tomadas como referência pelos teóricos como Reich e Lowen. Sua provocação é para que sejam desconstruídas antigas referências, sem desconsiderar o legado que nos cabe na Psicologia Corporal, mas que se aborde a sexualidade, o corpo, as relações de gênero e o caráter. Afirma que ao questionar verdades impostas pelos primeiros postulados da anatomia e por teorias como a psicanalítica é que se desestabilizou os modelos heteronormativos e de imposição da superioridade do masculino sobre o feminino, associando ao sexo somente função reprodutiva, e desta forma a submissão da mulher ao homem.

As teorias queer do início do Século XXI trouxeram a revisão da noção de gênero a partir do questionamento do binarismo, essencialismo e biologismo expressos no ideal da heteronorma. O biologismo foi um argumento importante, da Igreja e do Estado, e logo, das Ciências, para justificar como toda a prática sexual sem fins reprodutivos, contrariaria a natureza humana. A Igreja focou em distorcer para a contrariedade da vontade divina. Todas as justificativas essencialistas na Biologia serviram para controlar os corpos, torná-los dóceis e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

úteis. Podemos questionar por exemplo, o que está por trás da defesa apaixonada do pênis e da vagina como exclusivos na categoria órgãos sexuais? A que estrutura serve esse tipo de pensamento, tendo em vista que a boca, o ânus são zonas erógenas pelas quais o prazer também pode ser atingido? A contrassexualidade de Preciado tem como tarefa identificar os espaços errôneos e as falhas da estrutura social discursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dissidentes (SÁEZ; CARRASCOSA, 2007).

Preciado (2014) apresenta um pensamento pós-estruturalista, faz uma revisão em Foucault e Butler, problematiza o binarismo Cultura X Biologia incutido no debate de gênero: trata-se de uma questão determinada pela condição biológica em que nascemos, ou da aculturação a que estamos expostas desde a infância? Ela questiona: Será que se trata apenas destas duas questões? Afirma que a sexualidade é dispositiva em uma estrutura invisível complexa que envolve o tecnológico e o sociopolítico. No entanto, o corpo não é mero receptáculo.

Nos últimos 50 anos, desde a revolução sexual, observamos bastante mudanças em termos de orientações e identidades sexuais. Seja no âmbito político, da representação destas minorias nas esferas públicas, ou cultural, da tolerância à diversidade sexual defendida no âmbito privado, houve muita mudança e entendimento da sexualidade como expressão singular de cada sujeito, não obstante de que a cada fase de conquistas em termos político-sociais, sempre surja um refluxo de levante conservador que não se conforma com estas mudanças. A história do sexo e da sexualidade está em construção por meio das relações. A mudança da realidade da falta de respeito para com a expressão sexual de cada pessoa depende diretamente de agirmos como seres humanos. Podemos agir e interferir na realidade ao dialogar, escrever, escutar e, por que não, buscando viver plenamente nossa própria sexualidade!

A história de ser vivo é de interações com o meio em que se está inserido, que desencadeiam mudanças estruturais constantemente. Os laços que estabelecemos conosco, com outrem, com as multiplicidades sociais que se atualizam e nos afetam, enfim com a natureza, são catalisadores de acontecimentos, são condições de encontros e de transmissões de realidades, são o arco para flechas que trazem o futuro, mas que redimem o passado e fazem do presente um verdadeiro campo de experimentação e de produção de realidade (FUGANTI, 2016). Relacionar-se é um movimento contínuo de gratificação e frustração, adequação e inadequação, flexibilidade e rigidez, numa espiral de ação e *feedback* ininterrupta.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

A Psicologia Corporal é uma abordagem potencialmente apta a promover um olhar de equidade às pluralidades que perpassam a expressão da sexualidade. Suas distintas bases teóricas e práticas se sobrepõem com o objetivo prioritário de compreender e admitir a complexidade humana. O enfoque está em reconectar o ser com suas sensações, emoções, sentimentos e pensamentos no intuito de auxiliar a retomada da capacidade de autorregulação e de autodomínio. Resgata a dimensão de potência do ser vivo, contribui ao fenômeno social pois inspira a amorosidade na aceitação da realidade, de si e do outro. Trata da cicatriz ontológica que as violências físicas e simbólicas deixaram em nós. Que todas as pessoas e seres possam ser felizes, ter paz e se libertarem.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, G; GUATARRI, F. **O Anti-Édipo, Capitalismo e esquizofrenia 1**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FUGANTI, L. **A Ética como potência e a Moral como servidão**. São Paulo: [S.n.], 2016. Disponível em: <www.luizfuganti.com>. Acesso em: 10/01/2023.
- MATURANA, H. **Cognição, Ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- NAVARRO, F. **Caractereologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NÚÑEZ, G. **Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário**. Campinas: [S.n.], 2021. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>>. Acesso em: 10/01/2023.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual – políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REICH, W.; ALZON, C.; **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?** São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu: políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Cláudia Eliane Rocha; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. Reflexões fora da norma: direito de olhar como direito de existir – contribuições da psicologia corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

VOLPI, S. M. Reflexões sobre sexualidade, corpo, relações de gênero e caráter. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) **Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal**. Módulo 3, Unidade 4. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Acesso em: 18/04/2023.

ZIZEK, S. **Vivendo o fim dos tempos**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2012.

AUTORA

Cláudia Eliane Rocha da Silva / São Pedro de Alcântara /SC / Brasil

Terapeuta com formações em técnicas do sistema de medicina do norte da Tailândia.

Kinesiologista pelo método Touch for Health®. Shiatsu terapeuta e professora de Shiatsu

Emocional. Especialista em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Terapeuta

Corporal Reichiana e Bioenergética, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: cacauiimitada@gmail.com

ORIENTADORA

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga (CRP-08/5348) formada pela PUC-PR. Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP), Psicopedagogia (CEP-Curitiba) e Acupuntura (IBRATE), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br